

DISLEXIA: OS CONTRATEMPOS NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Silvana Azevedo Bastos¹

RESUMO

A dislexia, afeta habilidades básicas da leitura e da linguagem, sendo considerado um transtorno específico de aprendizagem com sintomas que prejudicam o avanço acadêmico dos estudantes. Levando em conta as principais evidências o atraso no desenvolvimento da fala, dificuldade na compreensão de textos ou na forma de se expressar, entre outros fatores como discalculia, disgrafia, disortografia, podem acompanhar a dislexia e indicar a presença de algum transtorno do neurodesenvolvimento mais amplo. Os pais devem ter em mente que o problema não está na escola, nem no professor, mas há uma peculiaridade no aluno. Não podemos dispensar o laudo, sendo um documento de comprovação. Conseguir o laudo, através de uma consulta com o neurologista é uma maratona. Levando em conta que o Sistema Único de Saúde, que atende as classes mais humildes, também é precário. Para o discente disléxico não basta o laudo e fazer uso de medicamentos básicos. O disléxico precisa de uma equipe multidisciplinar, que envolvem vários profissionais, principalmente fonoaudiólogos. Muitos familiares e a própria escola protelam a busca de um diagnóstico, devido ao fato de não haver comprometimento físico visível na aparência do aluno, como no caso de algumas síndromes. O adiamento sucede também porque os alunos mais humildes das escolas públicas não encontram um ambiente motivador para a leitura e a escrita, gerando uma dúvida entre as condições sociais e um possível caso de dislexia. As escolas que vão receber os alunos disléxicos devem estar preparadas. Os professores, não somente das classes de alfabetização, devem ser capacitados e integrados. A dislexia é uma das maiores causas da evasão nas escolas. Imaginem ser um Profissional da Educação lotado em uma escola pública, justamente situada em uma localidade complexa, no Jardim Catarina, em São Gonçalo e ter vários casos de disléxicos, um trabalho dobrado.

Palavras-chave: Dislexia, Dificuldade na Leitura e Escrita, Dificuldade de Aprendizagem, Classe Popular, Escola Pública.

INTRODUÇÃO

Dislexia do grego *dys*, mal e *lexis* palavra, frase. Entre muitas definições iniciaremos com o parecer de Dias, 1995, p.47, é um problema constatado da relação com o próprio corpo e, portanto com o espaço. Além disso, o traço mais comum entre os disléxicos é a confusão da ortografia de letras simétricas (disortografia). A dislexia pode se manifestar por: a) inversão de letras (*por=pro* ou *orp*), b) Inversão de sílabas (*parte=tepar*), c) no sentido direita-esquerda (b e d) (p e q), d) no sentido vertical (d e p) (n e u), e) letras esquecidas ou a mais na frase; f) troca na direção da escrita (espelhamento).

Hudson, 2019, p.41, descreve que o aluno com dislexia são holísticos e gostam de um a ideia de “todo” antes de estudar os detalhes. Apresente as ideias principais aos poucos, após

¹ Orientadora Educacional do Município de São Gonçalo/RJ, Técnica em Assuntos Educacionais da UFRJ. Pós-graduada em Psicopedagogia, Psicologia da Aprendizagem, Educação Especial e Dislexia.

isso os detalhes, as comparações. É viável também que o aluno assista o uma versão cinematográfica, a visualização do cenário de época, o figurino, os costumes podem contribuir para a construção do imaginário. Lembrando que o disléxico é criativo.

Alves e Celeste et ali, 2015, p.154, 155, fonoaudiólogas especializadas em linguística apresentam uma escala relacionada ao desenvolvimento da leitura. Isso porque os estudos direcionados à leitura e seus problemas têm recebido diversos focos de atenção, a partir de causas diferentes atribuídas ao mau funcionamento desta função. Se analisarmos a trajetória dos estudos direcionadas à dislexia, vemos um grande foco na década de 60 às questões de ordem sensoriais ou perceptivas no sistema visual. A partir da década de 70 e 80, o foco começou a se voltar para as questões cognitivas e linguísticas, em particular as disfunções fonológicas, teoria sustentada até os dias de hoje, sendo responsável pela maior parte dos estudos dedicados à dislexia. Nas décadas de 80 e 90 a partir dos estudos da neurocientista Paula Tallal, o foco foi trazido de volta para os fatores sensoriais perceptivos, mas, desta vez, para o sistema auditivo, embora esta autora afirme que os fatores fonológicos sejam também relevantes.

Situaremos uma escola localizada no bairro do Jardim Catarina, um dos maiores loteamento da América Latina, na cidade de São Gonçalo, 18º em índice demográfico do país e a 2ª do Estado do Rio de Janeiro, segundo o Censo de 2022.

O Jardim Catarina é o bairro mais populoso de São Gonçalo, onde há mais jovens e idoso, levantado em 1948 por nordestinos, sobre um manguezal. Um dos grandes problemas ambientais são as enchentes constantes, mas há problemas sociais como violência, baixa escolaridade, desemprego e problemas de saúde. Lembrando que há somente três Postos de Saúde para uma população consideravelmente alta, no que diz respeito à dislexia não há neurologista, mas há fonoaudiólogo e psicólogo, porém não dá vazão.

Na nossa escola sendo o lócus da pesquisa situado no bairro do Jardim Catarina, desde o ano de 2017 vem chegando muitos alunos de unidades particulares da vizinhança, isso devido à crise econômica. Entretanto o número disparou com a pandemia. Muitos alunos que foram diagnosticados por neurologistas sendo Disléxicos nesta unidade mencionada e não nas escolas particulares, onde já haviam permanecido por um bom tempo.

Isso se deve a principalmente pelo fato e que os alunos das famílias que possuem melhores condições financeiras passam bom período letivo nas unidades particulares, pois esperam um bom resultado, sendo frustradas, pois a dislexia impede o bom aproveitamento. As famílias, em muitos casos, pensam que os alunos não aprendem porque a escola particular *é forte demais, exige muito.*

O dono da escola, empresário “não abre o jogo”. É conveniente não situar a possibilidade que o discente se inclui em um caso de dislexia. Alega para a família que o discente “tem o seu tempo”.

A dislexia é a maior responsável pela evasão escolar, possibilitando que o aluno ingresse na vida ilícita. Um dos detalhes que dificulta o diagnóstico da dislexia é o fato de não aparecer visualmente, como as Síndromes. Sendo comum os pais acharem que o problema está na escola ou no professor.

Na escola pública, os detalhes que envolvem o aluno das classes populares é que sua motivação para ler e escrever se limitam apenas na unidade escolar. Seus pais são semianalfabetos, sem instrução, trabalham em serviços esporádicos, sem registro e vivem da Bolsa Família. Entre os mais pobres são os professores que descobrem que o aluno é disléxico, já sendo pré-adolescentes ou adolescentes.

A equipe pedagógica deve ser ativa pois a dislexia tem uma tendência a piorar com o tempo, não tendo cura apenas cuidados específicos. A dislexia pode vir acompanhada de Disgrafia, Disortografia, Dislalia principalmente, sendo mais relevante o trabalho didático e pedagógico na escola, pois estamos tratando de uma unidade pública.

Vamos começar com a **Disgrafia** que segundo Olivier, 2019, p.49,. Apesar de alguns autores insistirem em afirmar que seja letra feia ou até uma suposta característica disléxica, a disgrafia vai muito além disso. É preciso detectar os sintomas e tratar este distúrbio de forma correta, evitando, assim, que o paciente ou aluno passe longos anos em tratamento ineficiente ou aprendizado defasado.

De acordo com o DSM-V, a disgrafia é conceituada como um distúrbio de aprendizagem específico com deficiência na expressão escrita. Olivier, p.53, aponta sinais indicadores que podem ser: forma incorreta de segurar o instrumento com que se escreve (lápiz, caneta), ritmo de escrita muito lento ou excessivamente rápido, letra excessivamente grande, letras desligadas ou sobrepostas e ilegível, traços exageradamente grossos ou demasiadamente suaves, ligação entre as letras distorcidas. A autora aponta que há possibilidades de problemas associados como os biológicos sendo perturbações de eficiência psicomotora (motricidade débil; perturbações ligeiras do equilíbrio e da organização cinético-tônico, instabilidade). Há também as considerações pedagógicas e pessoais.

Bianchi, 2024, p.110, destaca que a disgrafia são decorrentes de causas mistas, que une a disfunção motora com problemas emocionais. Na pesquisa Leonhardt, 2016, p. 204-227, há uma relevância a respeito da dor gráfica. Para Hudson, 2019, p.70, disgrafia é uma

Dificuldade de Aprendizagem Específica (DAE), havendo a Disgrafia espacial, a Disgrafia motora Disgrafia de processamento.

Quanto a Disortografia, Valeriano, 83, 2014, evidencia que é a dificuldade de fazer uma associação entre os fonemas (som das letras) e os grafemas (escrita das letras). É muito comum vermos alunos, em fase de aquisição de escrita, apresentar confusões entre o uso da letra F ou da letra V para escrever a palavra *faca* ou *vaca*, mas, a partir do segundo ano de escolarização, já é esperado que a criança possa perceber as diferenças sonoras entre as letras e assimilar seu conhecimento. Quando essa dificuldade persiste nas primeiras séries do Ensino Fundamental, podemos dizer que a criança apresenta uma disortografia.

Alguns sinais indicadores como troca de letras que se parecem sonoramente: *faca/vaca*, *chineló/jinelo*; confusão de sílabas: *molhou/molhol*; adições de sílabas: *batata/batatata*; omissões: *branco/banco*; fragmentações: *em saiar*, *a noitecer*; inversões: *pipoca/picoca*, *fazer/vazer*; confusão de letras (trocas auditivas ou visuais): simétricas: *b/d*, *p/q*; semelhantes: *e/a*, *b/h*, *f/t*; consoantes surdas por sonoras: *f/v*, *p/b*, *ch/j*; vogais nasais por orais: *an/a*, *en/e*, *in/i*, *on/o*, *un/u*; confusão de palavras com configurações semelhantes: *pedreiro/padeiro*; uso de palavras com um mesmo som para várias letras: *casa/caza*, *azar/asar*, *exame/ezame*.

Essas e muitas outras formas de disortografia são trocas que aparecem somente na escrita. A sua versão na língua oral chama-se distúrbio articulatória, ou trocas de letras na fala (VALERIANO, 2014, p.85,86).

A **dislalia** (do grego *dys* + *lalia*) é um distúrbio da fala, caracterizado pela dificuldade em articular as palavras. Basicamente consiste na má pronúncia das palavras contendo “R” e “L”, sendo o caso mais famoso para ilustrar o personagem *Cebolinha* do cartunista Maurício de Souza. Seja omitindo ou acrescentando fonemas, trocando um fonema por outro ou ainda distorcendo-os ordenadamente. A falha na emissão das palavras pode ainda ocorrer em fonemas ou sílabas. Assim sendo, os sintomas da Dislalia consistem em omissão, substituição ou deformação dos fonemas Durante a primeira infância, por não conhecer as palavras e fonéticas corretas, é comum que a criança comece a falar errado, sendo cabível, entretanto, se isso sair do controle, podemos deduzir um caso de Dislalia.

A dislalia² configura um distúrbio da fala em que a criança sente dificuldade em articular corretamente as palavras. Apesar de ser normal que uma criança apresente certa

² Há quatro tipos conhecidos de dislalia, que podem variar de acordo com as causas do problema. São eles: Dislalia Evolutiva, Dislalia Funcional, Dislalia Audiógena, Dislalia Orgânica.

dificuldade em pronunciar corretamente algumas palavras, quando isso se estende após os 4 anos de idade, é aconselhado que ela passe com um neuropediatra para obter o melhor diagnóstico.

O distúrbio, tipicamente conhecido pela troca de letras, também pode caracterizar-se pela omissão de letras; assim, a criança afetada poderá falar “*biito*” ao invés de bonito, “*tebisão*” para televisão, “*peto*” para a cor preta, “*balata*” para barata, “*lato*” para rato, e assim por diante.

Diversas causas podem levar ao desenvolvimento da dislalia, sendo elas: Lábio leporino; Histórico de infecção congênita na família; Falta de oxigenação cerebral durante o parto; Icterícia³; Meningite; Alterações emocionais; Herança genética; Paralisia cerebral; Hidrocefalias; Síndromes de Down, Williams e distrofia muscular progressiva de Duchenne⁴; Alteração na arcada dentária; Dificuldades respiratórias; Enfermidades do sistema nervoso central.

Discalculia⁵ é o nome usado para se referir a não habilidade de execução de operações matemáticas ou aritméticas, ou seja, desordem neurológica afeta principalmente a habilidade da pessoa em compreender e mexer com números. Os sintomas de discalculia⁶ envolvem a dificuldade em organizar, classificar e realizar operações com números.

Segundo Hudson, p.52, declara que cerca de 5% da população têm discalculia de forma isolada, mas um número maior sofre dessa condição em combinação com outra dificuldade de aprendizagem específica.

³ A icterícia é um termo usado para descrever a coloração amarelada ou alaranjada da pele e das conjuntivas (“branco dos olhos”) do bebê e ocorre devido a um aumento, no sangue, de um pigmento amarelo chamado bilirrubina. A cor amarelada aparece em primeiro lugar no rosto, depois no tórax e no abdômen, nas pernas e, finalmente, nas palmas das mãos e nas plantas dos pés. Ao desaparecer, ela segue o caminho contrário, isto é, desaparece primeiro nos pés e pernas e, por último, no rosto.

⁴ A doença é causada pela ausência de uma proteína essencial para os músculos. Essa proteína é responsável por manter a integridade do músculo, sem ela o músculo se degenera progressivamente. Pode ser hereditária ou resultado de uma mutação genética.

⁵ A discalculia é um distúrbio neurológico que afeta a parte do raciocínio matemático da criança. A palavra foi apresentada pela primeira vez em 1920, entretanto só ganhou força e destaque a partir de 1974, por meio das pesquisas de Ladislav Kosc, que observou que a discalculia estava embasada em possíveis sistemas anatômicos e fisiológicos envolvidos na maturação das habilidades matemáticas. Algumas pesquisas apontam que pode ser genético.

⁶ A discalculia pode se apresentar em alguns tipos, como: **Léxica, Gráfica, Verbal, Ideognóstica e Practognóstica.**

A discalculia é menos estudada no Brasil, sendo mais estudada a dislexia. As notas dos estudantes brasileiro no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes- PISA⁷ são baixas. É necessário o diagnóstico deve ser feito por uma equipe multidimensional que englobe o desenvolvimento neuropsicomotor e social, declara Santos 179, 2018.

METODOLOGIA

Para elaborar uma bateria de exames para os discentes disléxicos é preciso um prévio conhecimento. Temos que considerar a idade do discente, o grau da dislexia, saber se é um caso de dislexia visual, auditiva, mista e se está associada simultaneamente com alguma outra peculiaridade, como dislalia, discalculia, indo mais além, temos que pensar se há comorbidades como o TDAH.

Bert elaborou uma série de exercícios que oferece uma combinação de atividades práticas e abrangentes de reeducação pedagógica específica para pessoas dislexas com o objetivo de melhorar a atenção, abaixo estão os selecionados.

Ilustração 1: estimulação

Leia só as letras
o mais rápido possível.

D	B	6	F	V
5	C	9	A	M
E	3	7	L	Z
Q	G	N	1	P

Repita o exercício e
marque o tempo.

Leia só as letras
o mais rápido possível.
















M	N		T	
D		F		Q
	B	Q		E
	C		O	

Repita o exercício e
marque o tempo.

⁷ O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), tradução de *Programme for International Student Assessment*, é um estudo comparativo internacional realizado a cada três anos pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O Pisa oferece informações sobre o desempenho dos estudantes na faixa etária dos 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países, vinculando dados sobre seus *backgrounds* e suas atitudes em relação à aprendizagem, e também aos principais fatores que moldam sua aprendizagem, dentro e fora da escola.

Ilustração 2: Estimulação Visual e Atenção

Leia as cores o mais rápido possível.

Repita o exercício e marque o tempo.

Aponte as letras db.


db	dd	bd	db
bb	db	bd	bb
db	bd	dd	db
bb	db	db	bd

Estes exemplos também possuem o mesmo objetivo da proposta anterior, o aluno deve ter um raciocínio rápido em pronunciar e apontar as letras, números, ilustrações, cores e letras, sem erros e em menor espaço de tempo.

Ilustração 3: Alfabetização

Descubra a sílaba que falta para formar o nome de uma cor.

P	E
B	
R	A
___ TO	



Escreva a palavra que corresponde à imagem e responda: Quantas letras tem? Separe a palavra em sílabas. Qual é a vogal repetida? Qual é a consoante repetida?

Nesta fase, apresentado pelo última proposta, o aluno deve já ter superado as questões fonológicas, dominar a escrita e a leitura, podendo ser com palavras mais simples ou mais complexas, dependendo de cada caso. O terapeuta, sendo psicopedagogo ou fonoaudiólogo deve estar acompanhando o aluno para que o trabalho não seja em vão.

Ilustração 4: sequência cronológica

TREINO GRÁFICO DAS LETRAS, DOS DIAS DA SEMANA E DAS ESTAÇÕES DO ANO

✦ Cubra os nomes dos dias da semana e, depois, escreva-os nos quadros:

1- Segunda-feira 2- Terça-feira 3- Quarta-feira
4- Quinta-feira 5- Sexta-feira 6- Sábado
7- Domingo

1		2	
3		4	
5		6	
7			

❖ Cubra os nomes das estações do ano e, depois, escreva-os nos quadros:

Primavera	Verão
Outono	Inverno
<input type="text"/>	<input type="text"/>
<input type="text"/>	<input type="text"/>

Simaia Sampaio, psicopedagoga renomada, em sua coleção aponta alguns exercícios. A atividade acima demonstra o dia das semanas e as estações do ano, sendo um exercício que envolve cronologia, tempo, espaço de tempo, período, organização, planejamento, sequência. No cotidiano: *Quantas horas o leitão demora para assar? Quantos dias para uma planta germinar? Quantas semanas para uma reforma durar? Quantos meses para um bebê andar?* Datas de aniversários e casamentos também incluem nessa dinâmica didática. Quando trabalhamos com o disléxico temos que integrar o conteúdo do aprendizado com o cotidiano para haver uma noção concreta.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os nomes importantes relacionados com a dislexia foram Adolph Kussmaul, pois em 1877 propôs a nomenclatura “cegueira verbal”. O Dr Pringle Morgan médico inglês, que teve como paciente um garoto brilhante inteligente, rápido nos jogos, mas não aprendia a ler. O Dr Mogan e o Dr Hinshelwood, médico também interessado no assunto que caracterizava a “cegueira verbal” e dão início a uma série de pesquisas.

Entretanto em 1887, o Dr Rudolf Berlin passa a usar o termo dislexia. Berlin considerou que a dificuldade da leitura poderia ser uma “doença cerebral” e não mais uma “lesão cerebral”. Berlin alegava que a dislexia poderia ser causada por outros fatores e não somente por traumatismo craniano, isso porque até o final do século XIX achavam que a dislexia era entendida como algo obtido após o nascimento. Já no início do século XX o oftalmologista escocês J. Hinshelwood publica o livro *Cegueira Verbal Congênita*.

O Dr. Samuel Orton e seus colegas começaram a usar técnicas multissensoriais em meados da década de 1920 na clínica móvel de saúde mental que ele dirigia em Iowa. Dr. Orton foi influenciado pelo método cinestésico descrito por Grace Fernald e Helen Keller. Ele sugeriu que o reforço cinestésico-tátil das associações visuais e auditivas poderia corrigir a

tendência de confundir letras semelhantes e de transpor a sequência de letras durante a leitura e a escrita. Por exemplo, os alunos que confundem b e d.

Anna Gillingham e Bessie Stillman basearam seu manual de ensino para o "Método alfabético", original de 1936, nas teorias do Dr. Orton. Elas combinaram técnicas multissensoriais para o ensino da estrutura do inglês escrito, incluindo os sons (fonemas), unidades de significado (morfemas como prefixos, sufixos e raízes) e regras de ortografia comuns. A frase "abordagem Orton-Gillingham" refere-se às estruturas e técnicas sequenciais e multissensoriais estabelecidas pelo Dr. Orton, a Sra. Gillingham e seus colaboradores. Muitos programas, hoje, incorporam métodos e princípios descritos pela primeira vez neste trabalho fundamental, bem como outras práticas apoiadas por pesquisas. (Associação Internacional de Dislexia, 27 e 28, 2019).

Sendo mais recente os investimentos de Paula Tallal (nascida em 1947) é professora de neurociência, pesquisou muito a respeito da dislexia, dificuldades de aprendizagem e distúrbios de desenvolvimento da linguagem, ficando mais conhecidos entre os anos 80 e 90.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Geralmente a equipe pedagógica percebe que o aluno possivelmente é disléxico quando não aprende, não evolui, lê somente sílabas simples ou nenhuma, mesmo com o apoio do docente, mesmo com uma didática diferenciada e adaptativa, na fase de alfabetização. Esquece o conteúdo, palavras básicas, como o próprio nome e o docente tem que explicar novamente. Não retém o aprendizado, tem memória curta. Constantemente se perde, não visualiza bem, não consegue copiar do quadro o conteúdo para o caderno. Em muitos casos não tem noção espacial no caderno, escreve fora da linha, longe da margem, apresenta disgrafia. Perde o seu material escolar, esquece os objetos pessoais, constantemente se machuca, tropeça ou cai, isso fica visível na fase pré-escolar. O aluno muda frequentemente de unidades escolares, inclusive de colégios particulares, mas sem evolução didática pedagógica, na mesma unidade não melhora mesmo trocando de professores. Quando o SOE realiza a anamnese, no momento da entrevista há a informação que em casa não consegue terminar as tarefas domésticas, nem lembrar que precisa fazê-las, não consegue comprar no armazém sem estar escrito. Geralmente os pais já tentaram ensinar em casa, já contrataram professor particular, unicamente para ele, mas sem evolução. Geralmente há casos de pessoas na família com dislexia. A dislexia é hereditária.

Não podemos responsabilizar somente os docentes das classes de Alfabetização. O processo de alfabetização continue, pois os anteriores não foram suficientes, o aluno continua

confundindo letras, na maioria q/p, d/b, m/n. Não assimilaram ainda a sonorização entre p/b, d/t, f/v. Entre outras probabilidades que envolvem a dislexia como visão espacial, dislalia, disgrafia, disortografia, entre outras.

Esse contexto se prolonga por toda a Educação Básica, devido a isso é necessário que Haja somente uma prova por dia; pelo menos para o aluno disléxico. No momento da prova, um outro professor deve ler a prova com o aluno disléxico pausadamente Nos casos de marcar as questões certas ou erradas deve estar em **negrito** ou em letra MAIÚSCULA. O tempo para fazer a prova deve ser maior.

Nas questões de matemática deve haver marcadores de textos sinalizando os sinais. Os problemas matemáticos que se baseiam em pequenas historinhas cotidianas devem ter alguma ilustração e as questões também devem ser lidas por um outro professor em voz alta para o aluno. Haver mais atividades variadas para melhorar a nota, como pesquisas, seminários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na verdade, nas classes populares são os professores que descobrem que o aluno é disléxico, mas em muitos casos os alunos já estão em fase pré-adolescente. Neste caso muita inconvenientes podem ter sucedido entre os discentes com se tornarem violentos revoltados, sofrerem bullying, baixa frequência, abandono escolar e lamentavelmente vida ilícita.

Uma dos contratempos mais constantes é não haver neurologista suficiente na Rede Pública de Saúde, raramente o cidadão consegue uma consulta no Sistema Único de Saúde – SUS. Os pais que são pessoas humildes acabam protelando para resolver o inconveniente.

As unidades escolares devem perceber que há suspeitas do aluno ser disléxico, mas para isso deve contar com uma Equipe Pedagógica competente. Principalmente um Orientador Pedagógico que trabalhe integralmente com o corpo docente, mas em especial um Serviço de Orientação Educacional-SOE. O Orientador Educacional-OE⁸ deve ser atuante e dinâmico, pois um caso de dislexia não convém ser resolvido apenas na unidade escolar. A dislexia envolve tratamentos que vão além.

REFERÊNCIAS

ALVES, Luciana Mendonça. CELESTE, Leticia Correa at el. **Escala Multidimensional de fluência em Leitura: Avaliação Perceptiva da Leitura em escolares com e sem dislexia do desenvolvimento.** In: ALVES, Luciana Mendonça. MOUSINHO, Renata. CAPELLINI,

⁸ Nem todos os municípios possuem no seu quadro funcional o cargo de Orientador Educacional

Simone Aparecida (orgs.). **Dislexia – novos temas, novas perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora Wak, vol. III, 2013.

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE DISLEXIA- **Guia sobre a dislexia da IDA o que toda família deveria saber** – LANCE, UFSC, 2020.

BERT, Marjorie. **Supere a dislexia-** (100 cartas com exercícios). São Paulo: Editora Matrix, 2020.

BIANCHI, Maria Thereza Báos. **Disgrafia: uma análise psicopedagógica e psicomotora de crianças com dificuldades na escrita**. In: SAMPAIO, Simaia. FREITAS, Ivana Braga (orgs). **Transtornos e dificuldades de Aprendizagem- Entendendo Melhor os alunos com necessidades especiais**. 2ªedição, Rio de Janeiro: Wak, 2014.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases. nº 9394 de 20 de dezembro de 1996.

_____. A Lei nº 14.254, de 30 de novembro de 2021. Estabelece as normas TDAH e Dislexia.

DIAS, Lucinda. **Problemas de Aprendizagem – Procedimentos pedagógicos-terapêuticos nas dificuldade de encarnação**. São Paulo: Antroposófica, 1995.

HUDSON, Diana. **Dificuldades Específicas de Aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 2019.

LEONHARDT, Dalva Rigon. **Avaliação e Clínica das Praxias e Dispraxias na Aprendizagem: Mapeamento da dor Gráfica**. In: ROTTA, OHLWEILER, RIESGO. **Transtornos da Aprendizagem- Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar**. 2ªedição. Porto Alegre: Editora: Artmed, 2016.

MUSZKAT, Mauro. RIZZUTTI, Sueli. **O Professor e a Dislexia**. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

OLIVIER, Anna Lou. **Dislexia, Dislexia Adquirida e Disgrafia – Como detectar, diferenciar, entender e tratar**. Rio de Janeiro: Wak, 2019.

_____, **Transtornos de comportamento e distúrbios de Aprendizagem**. Rio de Janeiro: Wak, 2013.

PADULA, SANTOS, LOURENCETI. **Dislexia e comorbidades na infância e na adolescência**. In: ALVES, Luciana Mendonça. MOUSINHO, Renata. CAPELLINI, Simone Aparecida (orgs). **Dislexia – novos temas, novas perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora Wak, vol. I, 2011.

REID, Gavin. GUISE, Jennie Guise. **Dislexia, avaliação e diferenças de aprendizagem**. São Paulo: M. Books, 2022.

ROTTA, Newra, PEDROSO, Fleming. **Transtornos da Linguagem Escrita: Dislexia**. In: ROTTA, OHLWEILER, RIESGO. **Transtornos da Aprendizagem- Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar**. 2ªedição. Porto Alegre: Editora: Artmed, 2016.

SAMPAIO, Simaia. FREITAS, Ivana Braga (orgs). **Transtornos e dificuldades de Aprendizagem- Entendendo Melhor os alunos com necessidades especiais**. 2ªedição, Rio de Janeiro: Wak, 2014.

SAMPAIO, Simaia. **Manual Prático do Diagnóstico Psicopedagógico Clínico**. 7ª edição, Rio de Janeiro: Editora Wak, 2018.

_____. **Atividades Corretivas de Leitura e Escrita, Guia Prático para Disléxicos e Pré-Escolares**, vol.1- 5ª edição, Rio de Janeiro: Editora Wak, 2020.

_____. **Atividades Corretivas de Leitura e Escrita, Grafia e Ortografia, Guia Prático para crianças, adolescentes e adultos com dislexia, disgrafia e disortografia e outras dificuldades na escrito**, vol.2, 4ª edição, Rio de Janeiro: Editora Wak, 2022.

_____. **Atividades Corretivas de compreensão Leitora, Produção Textual e Escrita**, vol 3, 3ª edição, Rio de Janeiro: Editora Wak, 2021.

_____. **Atividades Neuropsicopedagógicas de Intervenção e Reabilitação**, vol.4, 4ª edição, Rio de Janeiro: Editora Wak, 2021.

SANTOS, Flávia Heloisa dos. **Diagnóstico e Intervenção da Discalculia do Desenvolvimento**. In ALVES, Luciana Mendonça. MOUSINHO, Renata. CAPELLINI, Simone Aparecida (orgs). **Dislexia – novos temas, novas perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora Wak, vol. IV, 2013.

SILVA, Cláudia da. **Identificação e intervenção precoce de escolares de risco para a dislexia**. In: ALVES, Luciana Mendonça. MOUSINHO, Renata. CAPELLINI, Simone Aparecida (orgs) **Dislexia, novos temas, novas perspectivas**, vol II, Rio de Janeiro: editora Wak, 2013.

_____. **Perfil de escolares de risco para a dislexia em provas de nomeação automatizada rápida**. In: ALVES, Luciana Mendonça. MOUSINHO, Renata. CAPELLINI, Simone Aparecida (orgs). **Dislexia – novos temas, novas perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora Wak, vol. III, 2015.

SHAYWITZ, Sally. SHAYWITZ, Jonathan. **Entendendo a Dislexia – Um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura**. 2ª edição, Porto Alegre: Editora Penso, 2023.

VALERIANO, Roneide. **Disortografia: distúrbio ou falta de oportunidade?** In: SAMPAIO, Simaia. FREITAS, Ivana Braga (orgs). **Transtornos e dificuldades de Aprendizagem- Entendendo Melhor os alunos com necessidades especiais**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Editora Wak, 2014.